

# A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar 3

Elói Martins Senhoras  
(Organizador)



# A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar 3

Elói Martins Senhoras  
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E19	<p>A economia numa perspectiva interdisciplinar 3 [recurso eletrônico] / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-105-3            DOI 10.22533/at.ed.053201506</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia – Pesquisa – Brasil. I. Senhoras, Elói Martins.</p> <p style="text-align: right;">CDD 330</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O campo científico da Economia surge como um dos grandes expoentes da emergência do movimento Iluminista no século XVIII e desde então tem passado por diferentes revoluções e movimentos epistêmicos que procuraram, tanto, fomentar uma construção científica autônoma, quanto, engendrar interações com outros campos do pensamento humano.

Tomando como referência uma abordagem absorvente e relacional, o presente livro, “A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar 3”, vem corroborar com o campo epistemológico de Economia no Brasil e em Portugal a partir de uma agenda de estudos que se fundamenta na pluralidade de vozes e discursos.

Resultado de trabalho coletivo de diferentes pesquisadoras e pesquisadores portugueses e brasileiros, oriundos das macrorregiões Sul, Sudeste e Norte, este livro traz uma rica pluralidade de debates e análises que fortalecem a compreensão interdisciplinar existente no campo epistemológico da Economia.

Organizado em treze capítulos, as pesquisas presentes nesta obra foram estruturadas com base em um convergente método dedutivo, no qual partiu-se de marcos de abstração de modelos, teorias e análises históricas até se chegar à análise empírica específica da realidade concreta e dos respectivos objetos de estudo.

A natureza exploratória, descritiva e explicativas dos capítulos caracterizou-se por uma abordagem quali-quantitativa que partiu dos procedimentos de revisão bibliográfica e documental no levantamento de dados, combinada ao uso de técnicas de hermenêutica e modelagem econômica, bem como análise gráfica e geoespacial na interpretação dos dados.

Na construção interdisciplinar do conhecimento, comandada pelo olhar econômico, cinco eixos temáticos se destacaram, permitindo aglutinar as análises e discussões dos treze capítulos, por meio de recortes teóricos relacionados aos ramos da Economia Solidária, Economia do Trabalho, Economia Urbana e Industrial, Economia Organizacional e Economia Monetária e Financeira.

Com base nas análises e discussões apresentadas nesta presente obra, composta por treze capítulos e cinco ramos teóricos, subsídios são apresentados para uma apreensão interdisciplinar do campo científico de Economia findando explorar à luz de um olhar descritivo e prescritivo a complexa realidade em suas interações no dinâmico tripé Homem-Mercado-Estado.

Em nome do grupo diversificado de profissionais envolvidos neste livro e comprometidos com o avanço do campo científico de Economia, convidamos você leitor(a) a desbravar tradicionais e novas reflexões à luz de uma abordagem interdisciplinar que valoriza o diálogo e a pluralidade na abordagem de nossa complexa realidade empírica, rica de desafios para o pensamento e a reflexão.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O PAPEL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales Mayara Mendes Leal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
EMPREENHIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO: SATISFAÇÃO DOS ASSOCIADOS E MELHORIA DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DO PRODUTOR RURAL	
Madson Igor Pereira Portal Lailson da Silva Freitas Marta Laura Noronha da Silva Gonçalves Janusa Mérlem dos Santos Lopes Gabriel Lélis Pereira da Silva Marzane Pinto de Souza Mario Miguel Amin Garcia Hereros Félix Lélis da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>38</b>
AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: OS PASSOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA CAMPESINA	
Ariane Domborovski Bruno Henrique Fugarra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
OS DESAFIOS PARA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA PRESPECTIVA FRETE À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 4.0	
Samantha Silva da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>62</b>
ABERTURA ECONÔMICA E DISCRIMINAÇÃO SALARIAL POR SEXO E RAÇA: UM ESTUDO PARA A ECONOMIA PARANAENSE	
Júlio Vicente Cateia Paulo Ricardo Feistel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>86</b>
ANÁLISE DOS INDICADORES REGIONAIS DE LOCALIZAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO PARA A MICRORREGIÃO DE TOLEDO-PR	
Giovanna da Silva Cassanelli Lucir Reinaldo Alves Jandir Ferrera de Lima Moacir Piffer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015066</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>107</b>
ANÁLISE DE MERCADO DO SETOR INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PR UTILIZANDO ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS	
Lucir Reinaldo Alves	
Eduarda Pires Valente da Silva Marques da Costa	
Nuno Manuel Sessarego Marques da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015067</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>130</b>
COMPARAÇÃO DAS MARGENS ECONÔMICAS ENTRE A PRODUÇÃO TOTAL DE LEITE ORGÂNICA E CONVENCIONAL USANDO BENCHMARKING	
Thérèsse Camille Nascimento Holmström	
Elisa Cristina Modesto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015068</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>140</b>
A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA MOTIVADORA PARA A MELHORIA DOS RESULTADOS ORGANIZACIONAIS	
Samantha Silva da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0532015069</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>149</b>
O CARÁTER ECONÔMICO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE ATUAL	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Liz Barbara Borghetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05320150610</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>162</b>
HELICOPTER MONEY EM TEMPO DE COVID19: UMA PROPOSTA PARA A MUTUALIZAÇÃO DO ESFORÇO FINANCEIRO EM PORTUGAL	
Diamantino Ribeiro	
João Filipe Monteiro Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05320150611</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>177</b>
MOBILIZANDO O CONCEITO DE HEGEMONIA PARA O CONTEXTO FINANCEIRIZADO BRASILEIRO	
Rodolfo Palazzo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05320150612</b>	
<b>CAPÍTULO 13 .....</b>	<b>191</b>
THE ROLE OF SUGARCANE ETHANOL IN BRAZILIAN CO <sub>2</sub> EMISSIONS	
Guilherme Barbosa Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05320150613</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>203</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>204</b>

## O PAPEL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

*Data de aceite: 01/06/2020*

*Data de submissão: 22/02/2020*

### **Reinaldo Eduardo da Silva Sales**

Instituto Federal do Pará

Castanhal, Pará

<http://lattes.cnpq.br/5504809611081936>

### **Mayara Mendes Leal**

Instituto Federal do Pará

Castanhal, Pará

<http://lattes.cnpq.br/3240352563038783>

**RESUMO:** A Economia Solidária é uma estratégia que organiza produção, comercialização e consumo baseados na cooperação e autogestão, adotando como práticas os Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD's) e as Moedas Sociais (SINGER, 2002). Na comunidade Baía do Sol, distrito de Mosqueiro/Belém, foi criado o Banco Comunitário Tupinambá e a moeda social Moqueio, ambos objeto de estudo desta pesquisa. Os objetivos foram: conhecer a história, características e funcionamento do Banco Tupinambá e do Moqueio. Os dados foram coletados com 10 pessoas: o Presidente do Banco e uma voluntária; 3 microempreendedores e 5 comunitários, que

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando o uso de suas entrevistas. A criação do Banco Tupinambá foi firmada através de uma parceria com o Banco Comunitário Palmas (Fortaleza/Ceará) idealizada por um dos moradores que migrou de Fortaleza para Baía do Sol. As fases de criação do banco foram a capacitação inicial, fase experimental e consolidação. O Moqueio (M\$) foi pensado para valorizar a cultura local e trazer dinamismo ao comércio. Ele circula paralelo ao Real (R\$). O câmbio funciona 1 M\$ = 1 R\$. Sua circulação é endógena a Baía do Sol, exclusivamente para bens ou serviços em empreendimentos solidários conveniados ao Banco Tupinambá. Essa moeda representou um avanço nas relações econômicas da comunidade, trazendo novo dinamismo para o espaço estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Solidária. Desenvolvimento. Banco Comunitário. Moeda Social.

### THE ROLE OF THE SOLIDARY ECONOMY FOR COMMUNITY DEVELOPMENT

**ABSTRACT:** The solidarity economy is a strategy that organizes production, commercialization and consumption based

in the cooperation and self-management, adopting as practices the Community Banks of Development (BCD's) and the social currency ( SINGER,2002) . In the Baía do Sol community, district of Mosqueiro/ Belém, was created the Tupinambá community bank and Moqueio social currency, both object of study of this research. The objectives were to know the history, characteristics and operation of the Tupinambá community bank and of the Moqueio. Data were collected with 10 people: The president of the bank and one volunteer, 3 small individual entrepreneurs and 5 community members, who signed the free informed consent (TCLE), authorizing the use of their interviews. The creation of the Tupinambá bank was firmed through of a partnership with the Palmas community bank (Fortaleza/ Ceará), it was idealized by one of the residents who migrated from Fortaleza to Bahia do Sol. The phases of creation of the bank were the initial training, experimental phase and consolidation. The Moqueio ((M\$) was thought to value the local culture and bring dynamism to trade. It circulates parallel to the Real (R \$). The exchange rate works 1 M \$ = 1 R \$. Its circulation is endogenous the Baia do Sol exclusively for assets or services in joint ventures agreements with Tupinambá bank. This currency represented an advance in the economic relations of the community, bringing new dynamism for the space studied.

**KEYWORDS:** Solidarity economy. Development. Community bank. Social currency.

## 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Economia Solidária corresponde às atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão. Ela envolve diversos tipos de organizações, como empresas administradas por trabalhadores, cooperativas, associações e redes comunitárias de produção, clubes de trocas e grupos informais produtivos de segmentos específicos (SINGER, 2002).

A Baía do Sol é uma comunidade de pescadores com aproximadamente 7.000 habitantes, pertencente à jurisdição da Ilha do Mosqueiro, distrito de Belém, estado do Pará, tem uma população ribeirinha e que vive da pesca e de modestas atividades comerciais. Foi nesse lugar que ocorreu a introdução de práticas econômicas solidárias, como o cooperativismo, um banco comunitário de desenvolvimento e a introdução de uma moeda social diante da iniciativa de um morador que já tinha a experiência de trabalhar dentro dessa temática, como ideia de um migrante que trouxe a experiência de Fortaleza/ CE, a exemplo do Banco Palmas, que existe há mais de 20 anos. A prática não foi muito aceita inicialmente, mas o dia-a-dia modificou o olhar dos moradores sobre a nova moeda que foi criada e que circula até hoje.

No caso em estudo, as práticas econômicas solidárias são um banco comunitário de desenvolvimento e uma moeda social. Ambos foram criados na Comunidade Baía do Sol, como alternativa ao precário desenvolvimento econômico pelo qual passava esta comunidade,

A Baía do Sol é a povoação mais antiga da ilha do Mosqueiro, pois ali chegaram

os primeiros colonizadores que vieram de São Luís, onde viviam os tupinambaranas. A Baía tem várias praias, largas, que favorecem as correntezas e os ventos no processo de pescaria, características essas que impediram o colonizador Francisco Caldeira Castelo Branco a desistir de instalar no lugar um porto. O nome da povoação reafirma a denominação da baía formada pelo rio Pará, tão sugestiva a ponto de dizer-se que o Sol nasce e morre ali.

Para chegar de Belém até lá é necessário percorrer aproximadamente 70 km nas rodovias BR 316 e BL 13, passando por outros municípios e vilarejos. Antes da rodovia e da ponte ligando o Mosqueiro ao continente, a Baía-do-Sol ficava isolada do restante da ilha, levando sua vida própria e independente da Vila, situada no extremo sul, e seu desenvolvimento restringia-se, sobretudo, às atividades socioeconômicas e políticas promovidas pelo clã com características de apadrinhamento e dependência econômica que ali se fixara desde os meados do século XIX, o que concorreu, de certa forma, para a manutenção dos recursos naturais de grandes áreas daquela região.

Neste contexto, a identificação e elaboração desta pesquisa se justificou pelo desafio em compreender a dinâmica de desenvolvimento local, pesquisando como funcionavam o Banco Comunitário e a Moeda Social existentes lá, bem como identificar quais as implicações desse processo para o dia-a-dia da comunidade.

A partir deste cenário, a pesquisa enfatizou dois eixos norteadores: a) como ocorreu o processo de criação e que mudanças este banco comunitário, chamado Tupinambá, trouxe para a vida das pessoas, no sentido de pensar como o uso da moeda estimulou a economia local a partir do aumento do consumo dos bens produzidos lá, considerando que seu valor é somente naquele espaço, não tendo valor reconhecido fora da Baía do Sol; e b) conhecer o funcionamento do Moqueio, moeda social que circula na comunidade, no intuito de aquecer as vendas internas e empoderar seus moradores.

## **2 | A ECONOMIA SOLIDÁRIA, BANCOS COMUNITÁRIOS E MOEDAS SOCIAIS**

Desde o fim do sistema feudal vive-se no capitalismo. São mais de 500 anos no qual ele se transformou para se adequar as mudanças históricas e sociais. O capitalismo está tão impregnado na sociedade que temos o hábito de naturalizá-lo parecendo que desde sempre ele existiu.

Uma das características mais evidentes do capitalismo é a economia de mercado que traz consigo a competitividade nos diversos setores da vida social. Para Singer (2002, p. 7) a competição em nossa sociedade se reflete em vários aspectos: “cada produto deve ser vendido em numerosos locais, cada emprego deve ser disputado por numerosos pretendentes, cada vaga na universidade deve ser disputada por numerosos vestibulandos e assim por diante”.

Sob o olhar do sistema capitalista a competição é intrinsecamente benéfica, pois

permite aos consumidores escolher o que mais nos satisfaz pelo menor preço; faz com que o mais capacitado vença uma disputa; que o melhor candidato seja aprovado em um processo de seleção, estimulando um sistema de recompensa aos indivíduos, alimentando um mundo de competição e preço baixo, mesmo que isso signifique queda na qualidade do produto e/ou serviço.

De fato, essas são “virtudes” do capitalismo, se foram encaradas apenas pelo lado da acumulação de riqueza e do vencedor. Mas, a competição na economia traz impactos sociais muitas vezes, silenciados e mantidos da obscuridade pelos dominantes.

Segundo Singer (2002) a competição exacerbada entre setores e grupos embora aumente a lucratividade do conjunto, produz crescente desigualdade social e intensa polarização entre ganhadores x perdedores, acumulação de riqueza x bem-estar social.

Contrário a este paradoxo presente e inerente ao capitalismo, a Economia Solidária propõe um caminho diferente da competição idealizada pela economia mercado. Para alcançar uma sociedade em que predomine a igualdade é preciso que a economia seja cooperativa e solidária em vez de competitiva. Para Singer (2002) a chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais.

A Economia Solidária é uma estratégia de desenvolvimento que organiza a produção, comercialização e consumo sob as bases da solidariedade, sendo uma das premissas do trabalho a preocupação com o outro, a exemplo da justa distribuição de tarefas, bem como dos resultados do trabalho coletivo, assim como no cuidado com o bem estar dos atores sociais envolvidos e a defesa de um desenvolvimento sustentável; autogestão, uma vez que as decisões são tomadas em conjunto, com os atores do processo, pensando no coletivo e cooperação, pois é necessário o trabalho colaborativo buscando unir os esforços em torno de um bem comum. Para Singer (2002) a economia solidária engloba uma diversidade de empreendimentos que vão desde organizações sociais dos setores marginalizados da economia até grandes cooperativas.

Essa forma de economia foi criada por operários durante o capitalismo industrial como resposta à pobreza e ao desemprego que resultavam na utilização das máquinas, no início do século XIX (FRANÇA FILHO, 2002). Com a criação de cooperativas, os trabalhadores buscavam independência econômica, colocando-as a serviço de todos os membros da empresa. Esta ideia persistiu e se espalhou: da reciclagem ao microcrédito e já existem milhares de empreendimentos desse tipo hoje em dia. Na economia solidária, todos os que trabalham são proprietários da empresa.

Para Singer (2002) a Economia Solidária só pode se realizar se for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. Se toda economia fosse solidária, a sociedade seria muito menos desigual. Ela é um modo de produzir cujos princípios básicos são a propriedade coletiva e a liberdade individual, resultando em igualdade e distribuição solidária de renda.

Desta forma, a economia solidária se administra democraticamente pela prática

da autogestão. Mas, para que a autogestão se efetive, é preciso que todos os sujeitos envolvidos participem de forma ativa e interativa da economia propondo alternativas para a resolução de cada problema enfrentado.

As práticas solidárias em pequenas economias no Brasil estão ligadas ao desenvolvimento endógeno das comunidades em que estão inseridas e buscam soluções coletivas que valorizem novas formas de regular as relações econômicas e sociais.

Para França Filho (2002) os empreendimentos solidários são experiências que se apoiam sobre o desenvolvimento de atividades econômicas para a realização de objetivos sociais. Neste sentido, a economia solidária se relaciona com outras possibilidades de se viver em sociedade, não ficando limitada, portanto, às esferas do mercado e do Estado.

Algumas das estratégias para que a economia solidária se realize são os Bancos Comunitários de Desenvolvimento e as Moedas Sociais. Nos Bancos Comunitários a gestão coletiva dos recursos e das atividades marca seu papel enquanto tecnologia social apropriada pelos membros de uma comunidade.

Já para Garcia (2009) existem diferentes formas de se desenvolver uma economia solidária. O histórico recente tem apresentado algumas dessas estratégias: o cooperativismo; os clubes de trocas e os Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD's).

Os BCD's são estratégias de economia solidária que servem como intermediário financeiro na comunidade, visam a distribuição de renda e são geridos pelos próprios comunitários. Neles, a gestão coletiva dos recursos e das atividades marca sua função enquanto tecnologia social utilizada pelos membros de uma comunidade.

Os bancos comunitários são experiências de economia solidária no qual o bem estar humano é mais importante do que a acumulação de riqueza. Para França Filho (2009) os BCD's são originais porque apresentam uma experiência de microcrédito incomum no qual o lucro não é a coisa mais importante, mas que se alcancem seus objetivos sociais como sociabilidade, participação comunitária e harmonia social.

Para Silva Júnior (2006) a singularidade de um banco comunitário está na reorganização dos vínculos sociais, anteriormente deteriorados pelas condições de vida impostas pelo capitalismo, no geral, e pelas desigualdades sociais, no particular. Assim, as finanças solidárias estabelecem um novo tipo de relação com o dinheiro e de organização da vida econômica local. Reconhecer esta especificidade dessas dos bancos comunitários torna-se questão central para o seu desenvolvimento no território.

No Brasil, os BCD's têm sua origem no Banco Palmas (1998), localizado no Conjunto Palmeiras, bairro de Fortaleza. A associação de moradores deste bairro foi quem promoveu essa iniciativa diante da necessidade de enfrentar as dificuldades com a baixa renda e à escassez de oportunidades de trabalho. A partir desta experiência, várias outras iniciativas deste porte foram introduzidas Brasil a fora (RIGO, 2014).

A partir da criação do Banco Palmas e com o fomento de parcerias com outras

instituições uma rede brasileira de bancos comunitários vem se constituindo. Dados de Rigo (2014) apontam que em 2004, foi criado o segundo BCD no Brasil, também no Ceará. Em 2009, eram 49; Em 2012, a rede brasileira se constituía de 78 bancos; E no final de 2013, já eram 103 BCD's localizados em vários estados.

Para Silva Júnior (2006) o Banco Comunitário é, portanto, um projeto de finanças solidárias em apoio às economias populares de municípios com baixo IDH, tendo por base os princípios da Economia Solidária. Neles se oferece a população excluída serviços como fundo de crédito solidário, oferta de moeda social, feiras de produtores locais e formação continuada em economia solidária. Estas experiências se embasam em ferramentas de gestão que ampliam e socializam a renda no território, produzidos e administrados pela própria comunidade.

Neste contexto, nos Bancos Comunitários sua gestão fica à cargo da própria comunidade, que vai desde a coordenação, administração dos recursos e decisões sobre onde e em que investir.

Segundo Silva Júnior (2006) o papel dos bancos comunitários é unir produção, comercialização, financiamento e formação continuada das populações locais, da mesma forma que atua na organização e mobilização comunidade proporcionando desenvolvimento sócio, econômico, cultural e ambiental.

Nos BCD's há também um sistema integrado de desenvolvimento local e territorial que possibilita o crédito, produção, comercialização e capacitação, além da circulação de uma moeda social local, complementar à moeda oficial do país, que é aceita e reconhecida por todos os sujeitos envolvidos no processo, criando um mercado solidário e alternativo entre as famílias.

Por moedas sociais entende-se uma forma de moeda paralela, administrada pelos próprios comunitários, que é indexada à moeda oficial do país. Segundo Garcia (2009) as moedas sociais são uma tecnologia social que por não ter objetivos comerciais diretos também são chamadas de moedas comunitárias, solidárias, regionais ou locais.

De acordo com Soares (2009, p. 255), a moeda social é “uma forma de moeda paralela instituída e administrada por seus próprios usuários, logo, sua emissão é originada na esfera privada da economia”.

Para França Filho e Silva Jr. (2009) a razão para o nome “moeda social” diz respeito ao fato delas estarem a serviço das comunidades que as criaram. O adjetivo “social” reflete também um princípio e ao mesmo tempo uma prática no seio dessas experiências: o controle social exercido pela comunidade. Neste cenário, a economia se pauta na primazia do social sobre a lógica mercantil.

Segundo Soares (2009) as moedas sociais possuem as seguintes funções: a) como medida de valor que serve para facilitar os acordos sobre os valores das diversas mercadorias; b) como meio de pagamento permitindo que os intercâmbios de deem em diferentes tempos e espaços; e c) como reserva de valor, uma vez que, se bem

administrada, pode ser utilizada como poupança.

Em sua operacionalização, a moeda social não tem caráter obrigatório, mas depende de livre adesão dos comunitários, cuja circulação é baseada na confiança mútua entre os sujeitos. Assim, as moedas sociais dependem além da confiança, de um exercício de vontade, de compartilhamento de valores, das afinidades sociais e da integração sociocultural da comunidade.

Segundo Soares (2009), visto dessa forma, as moedas sociais combinam dois significados mais abrangentes: a) como meio de troca alternativo ou complementar, capaz gerar melhor condições de vida aos comunitários; e b) como uma prática de reinvenção da economia, reconstruindo-a em moldes responsáveis integrando-a às outras esferas da vida social.

De um jeito ou de outro, ela deve ser entendida como uma relação social e monetária que desconstrói as relações de poder, impregnadas nas atitudes mercantis de uma moeda tradicional.

Na Comunidade Baía do Sol, distrito de Mosqueiro/Belém, foi criado o Banco Comunitário Tupinambá e a moeda social Moqueio, ambos objeto de estudo desta pesquisa. Os objetivos consistiram em conhecer como ocorreu o processo de criação do banco e desta moeda social, bem como suas características e seu funcionamento.

### 3 | SISTEMÁTICA DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu na Comunidade Baía do Sol, localizada no litoral paraense, com população estimada em 7.000 habitantes. Pertence à jurisdição da Ilha do Mosqueiro, distrito de Belém, onde predomina a pesca, o turismo e os microempreendimentos de consumo como fonte de renda.

Segundo informações do site do Banco Tupinambá<sup>1</sup>, a Baía do Sol é a povoação mais antiga da ilha do Mosqueiro e, para chegar de Belém até lá é necessário percorrer aproximadamente 70 km nas rodovias BR 316 e BL 13 e, ao encontrar-se nesse espaço, o indivíduo percebe logo a ventania um tanto incomun.

Com a pesquisa, percebeu-se que, nos anos 2000, a Baía do Sol enfrentava um grave problema de desenvolvimento econômico devido ao pequeno e pouco desenvolvido comércio local. Ao invés de consumir na própria região, os moradores deslocavam-se até a Vila de Mosqueiro (parte urbanizada da ilha) ou até a capital Belém para fazer suas compras e realizar diversos serviços como consulta médica, atendimento jurídico, serviços de cartório entre outros.

Do mesmo modo os jovens da Baía do Sol (e da própria Ilha do Mosqueiro) sonhavam estudar em Belém e constituírem família na capital, uma vez que não viam perspectivas de mudança de vida e nem de crescimento pessoal e profissional naquele local. Isso

---

1. <http://www.institutobancotupinamba.org/> Consulta realizada em 15 de Agosto de 2018.

contribuía para fragilizar os laços comunitários, as tradições, os costumes locais e, conseqüentemente, enfraquecia a economia da ilha. É como se fossem dissolvendo, ao poucos, seus próprios costumes, já que não tinham o sentimento de pertencimento do lugar.

Foi pensando em fortalecer os vínculos econômicos na comunidade, que foram gestadas e introduzidas estratégias econômicas solidárias: criou-se o Banco Tupinambá para fomentar o desenvolvimento comunitário e se instituiu o Moqueio, moeda social usada na comunidade.

Um dos autores ouviu falar na moeda paralela ao real que circulava em Mosqueiro. A curiosidade em saber mais levou à organizarmos uma pesquisa para conhecer o Banco Comunitário. Foi feita uma visita no espaço com a companhia do presidente do Banco, o qual dissertou sobre o surgimento do mesmo e como foi colocado em prática. Em seguida, os pesquisadores conheceram o espaço físico do banco, bem como alguns colaboradores, ouvindo seus relatos sobre o surgimento, conhecimento, adaptação, funcionamento e aceitação do Banco e da moeda.

Participaram da pesquisa 10 pessoas: o Presidente do Banco Tupinambá, uma colaboradora que trabalha no banco, 3 microempreendedores e 5 comunitários, escolhidos aleatoriamente. Os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo devidamente orientados sobre o uso de suas entrevistas para fins exclusivos desta pesquisa e como garantia da ética seus nomes foram mantidos no anonimato.

O método de pesquisa escolhido foi a entrevista, sendo a História Oral a norteadora das ações comportamentais diante dos atores sociais na Baía do Sol. Segundo o site do CPDOC, “a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.”

Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista com perguntas abertas, cujos relatos foram gravados, transcritos e analisados, sob o olhar qualitativo. Os principais procedimentos da pesquisa foram:

a) Uma conversa informal com o líder comunitário na qual foi apresentado o escopo do trabalho, com a intenção de conhecer a origem de toda a ideia de ali instalar um banco comunitário, em saber como foi a aceitação ou não das pessoas envolvidas, se foi fácil esse momento de convencimento junto à comunidade, quais as dificuldades que enfrentou, se pensou em desistir, quais os espaços físicos que utilizaram, quem se propôs a ajudar, em qual momento da vivência na comunidade surgiu a ideia;

b) Realização das entrevistas nas suas próprias residências, pois a equipe entendeu que a conversa fluiria melhor dentro do cotidiano dos indivíduos, dentro dos seus espaços de moradia e convivência, pois poderiam sentir-se mais à vontade para o momento da entrevista e para partilhar as experiências, angústias, dúvidas, apreensões em relação à instalação da moeda;

c) Registro Fotográfico, com autorização de todos, para documentação e registro do momento;

d) Transcrição, momento delicado da pesquisa, de atenção, de cumprir e escrever aquilo que foi dito, sem distorcer as informações, seguindo de uma compilação e análise dos dados para desenvolver o texto e pensar nas diferentes facetas a ser abordadas sobre o tema.

## 4 | A ECONOMIA SOLIDÁRIA NA COMUNIDADE BAÍA DO SOL

A Economia Solidária representa uma forma alternativa de produção que prima pela solidariedade antes do lucro. Se fundamenta em *valores* (éticos) e não em *valor* (acúmulo de capital). Desde sua origem foi pensada como estratégia de sobrevivência para as classes mais baixas da sociedade ou que vivem em situação de vulnerabilidade social. Sua prática mais conhecida é o cooperativismo. No entanto, outras formas de produção solidárias têm crescido significativamente, como é o caso dos bancos comunitários e das moedas sociais.

### 4.1 A História do Banco Tupinambá

A criação do Banco Tupinambá ocorreu para superar o cenário de baixo desenvolvimento econômico vivido na comunidade. Foi idealizada por um dos moradores que migrou de Fortaleza para a Baía do Sol, e lá tinha vivenciado a experiência do Banco Palmas, banco comunitário pioneiro no Brasil, criado em 1998, no Conjunto Palmeira, na cidade de Fortaleza/Ceará. Em seu relato, este morador afirmou que “a comunidade estava muito parada economicamente, trazendo prejuízos para os moradores (...) e era preciso incrementar, dinamizar a economia aqui da Baía do Sol”.

O banco começou a funcionar em 16/01/2009 e sua organização está dividida em três fases: capacitação e estudos iniciais (agosto a dezembro/2008), fase experimental (15/12/2008 a 15/01/2009) e consolidação (a partir de 2009).

A **capacitação inicial** foi o período de estudos e formação teórica no âmbito da economia solidária. Os comunitários foram estimulados e desafiados a entender o que é e como funcionava um banco comunitário. Foi um período de mobilização com muitas reuniões e intensos debates, no qual escolheu-se o nome do banco e o local onde ele iria funcionar (Figura 01). O nome “Tupinambá” faz referência aos primeiros habitantes da Baía do Sol.



Figura 01: Vista Parcial da entrada do Banco

Segundo relatos, os líderes do movimento instigaram a comunidade com a seguinte provocação: “Vocês topariam colocar um banco comunitário aqui na Baía do Sol?”. Neste início de trabalho, foi importante o papel de uma rádio comunitária, que existia na época, para disseminação dos valores da economia solidária.

A **fase experimental** durou um mês, de 15 de dezembro de 2008 a 15 de janeiro de 2009. Apenas com funcionamento interno, este período serviu de treinamento para os voluntários/as que iriam atuar no banco. Sobre esta fase, uma entrevistada relata que passou “um mês de experiência no banco, fazendo muitas coisas internas. A equipe estava se adaptando e aprendendo a mexer no equipamento (...) nós abrimos a porta para a comunidade no dia 16 de janeiro de 2009, data em que nasceu oficialmente o Banco Tupinambá”.

No entendimento de Rigo (2014) os bancos comunitários são práticas econômicas solidárias que consideram as particularidades dos territórios onde se inserem, as redes de relações sociais e de vizinhança na sua maneira de atuar e se colocam a serviço da reorganização das economias locais.

A partir desse momento começa o período de **consolidação** do banco. Nesta fase, um grupo de acadêmicos do Centro Universitário do Pará (Cesupa) aplicou uma pesquisa para verificar como o banco funcionava. Os dados demonstraram fragilidade econômica, causada pela baixa identificação dos comunitários com o banco, que era preciso criar o lastro de moeda e introduzir pequenos empréstimos.

Esses estudantes doaram, então, uma quantia para formar o lastro e fortalecer a economia. Antes da consolidação, os moradores iam até a Vila de Mosqueiro fazer

compras e pagarem contas. Isso mudou, as pessoas passaram a fazer intermediações financeiras, pagamentos, saque de Programas Sociais e empréstimos, como de consumo e produtivo, na Baía do Sol.

Os empréstimos de consumo variam entre M\$<sup>2</sup> 30,00 a M\$ 150,00 e servem para a aquisição de objetos nos microempreendimentos cadastrados, precisando ser pago em até 30 dias. Na maioria dos casos, são úteis para comprar gás, alimentos, pagar contas de luz ou água, como nos disse um informante: “esses empréstimos no banco são excelentes porque desafogam a gente na hora que a gente mais precisa”.

Os empréstimos produtivos, se dão em parceria do Banco da Amazônia, que cede o dinheiro, para criar ou expandir pequenos negócios. Os valores variam entre M\$ 3.000,00 a M\$ 5.000,00, aumentando gradativamente de acordo com nível de fidelização dos microempreendedores. Em sua maioria, servem para “construir infraestrutura, ampliar os negócios, comprar equipamentos, dar entrada em uma mercadoria ou ampliar o capital”, como nos disse um microempreendedor entrevistado, demonstrando muita satisfação.

Segundo o Presidente do Banco Tupinambá os atendimentos no banco são uma forma de criar novas sociabilidades e valorizam a pessoa humana. Em seu relato nos disse que “... procuramos tratar cada um na sua individualidade, na sua singularidade. Nossos atendimentos são personalizados e até demoram um pouco mais do que deveria, mas todos saem daqui felizes”. Isso demonstra que a economia solidária não é acúmulo de capital, mas fundamentalmente estabelecimento de laços de parcerias e afetividade.

Segundo Rigo (2014) os Bancos Comunitários são práticas de finanças solidárias disponível à todos para facilitar o acesso ao crédito e oferecer outros serviços financeiros aos moradores. São práticas associativas que se fundamentam em relações de proximidade, confiança e de solidariedade.

## 4.2 Origem e Características do Moqueio

Concretizada a criação do Banco Tupinambá, outro importante passo dado pela comunidade Baía do Sol foi a institucionalização de uma moeda social, designada por Moqueio (M\$). As informações apresentadas abaixo, portanto visam conhecer a história, características de impressão e funcionamento desta moeda social.

Com o Banco Tupinambá em funcionamento, foi realizada uma pesquisa para avaliar o potencial da economia local. Os resultados demonstraram que a maioria dos habitantes investia seu dinheiro fora de lá. Criou-se, então, a moeda social Moqueio para dirimir o problema e alterar o quadro econômico, trazendo dinamismo ao comércio. Ele passou a circular na comunidade paralelo ao Real (R\$) a partir de 2009.

A etimologia do nome Moqueio deriva do vocábulo *Moquear*, que em tupi-guarani consiste no processo de defumação e conservação do peixe para consumo futuro, uma homenagem aos povos tupinambás, primeiros habitantes da Baía do Sol.

2. Abreviatura do Moqueio.

Só há Moqueio na forma de cédulas, como descrito no quadro abaixo:

VALOR EM CIFRA	VALOR POR EXTENSO
M\$ 0,50	Cinquenta Centavos de Moqueio
M\$ 1,00	Um Moqueio
M\$ 2,00	Dois Moqueios
M\$ 5,00	Cinco Moqueios
M\$ 10,00	Dez Moqueios
M\$ 20,00	Vinte Moqueios
M\$ 50,00	Cinquenta Moqueios

QUADRO 01: Valor das Cédulas de Moqueio

As primeiras remessas de cédulas foram impressas em uma gráfica de Fortaleza especializada em moeda social. Segundo relatos, dada a má qualidade do papel, as cédulas eram pouco resistentes ao manuseio e rasgavam facilmente.

Como o avanço das moedas sociais na Região Norte do Brasil, uma gráfica de Belém passou a fabricá-las, usando um papel mais resistente. Esse papel tipo um “plástico” é impermeável. Nas cédulas (Figuras 02 e 03) há um número de série e uma tarja holográfica, dificultando sua falsificação. Ao passar uma luz negra pode-se ler no seu interior “Banco Tupinambá” e ver sua logomarca.



Figura 02: Frente da Cédula de M\$ 2,00

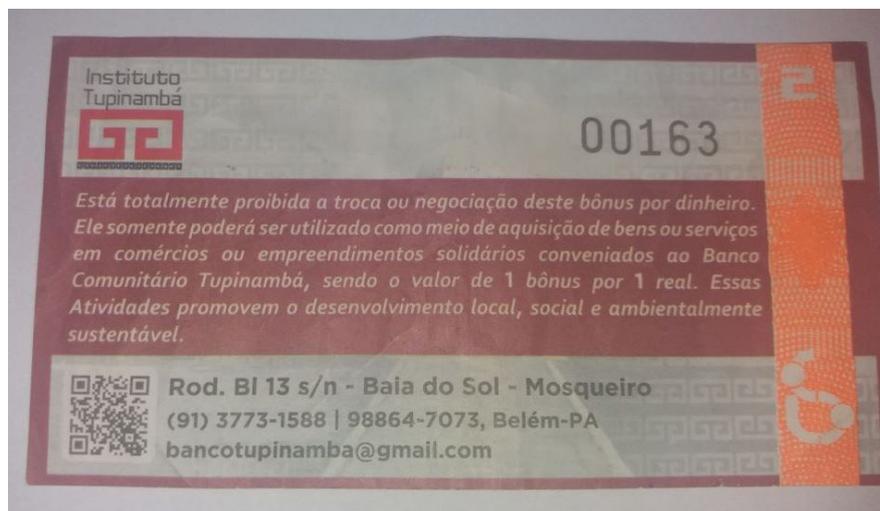


Figura 03: Verso da Cédula de M\$ 2,00

Todas as cédulas possuem o mesmo tamanho: 11 cm de comprimento por 6 cm de largura. Há em cada uma a logomarca do Banco Palmas, identificando a rede brasileira de bancos comunitários ao qual o Banco Tupinambá faz parte. Há uma frase indicando que o Moqueio não é um dinheiro, mas um “bônus”, portanto não substitui o Real (R\$), moeda oficial do Brasil. O câmbio funciona M\$ 1 = R\$ 1. Sua circulação é endógena a Baía do Sol, sua utilização é exclusiva para aquisição de bens ou serviços em empreendimentos solidários conveniados ao Banco Tupinambá (Figura 04).



Figura 04: Vista Parcial de um Microempreendimento que Aceita Moqueio

Dessa forma, os microempreendedores ajudam na circulação do Moqueio, uma vez que aceitam a moeda, dinamizando o fluxo na comunidade. Os pagamentos e o troco podem ser realizados em Real ou Moqueio, é o cliente que decide em que moeda quer receber.

Segundo o relato de uma informante o Moqueio representou um “empoderamento

social e cultural para a comunidade. É uma forma de dizer que quem manda na nossa comunidade somos nós!!” (Figura 05). Outra entrevistada argumenta que o banco e o Moqueio conectam as pessoas servindo de “via de relacionamentos voltados para os valores sociais que estão no centro de uma economia solidária, que preza pela solidariedade”.

Segundo Rigo (2014), as moedas sociais para se legitimarem em um território percorrem um longo caminho de sensibilização. Uma vez que elas não desempenham somente papel econômico, mas notadamente social e identitário. O seu uso no território também desempenha também um papel pedagógico e simbólico que envolve a noção de apropriação cidadã da moeda, a história e a identidade do lugar.



Figura 05: Placa em uma esquina valorizando o Moqueio

Como a comunidade recebe muitos turistas, alguns saem de lá portando as cédulas. Isso não só tira de circulação como diminui a quantia de cédulas internamente. A quantia que era para retornar ao banco ou circular, sai desse circuito, o que, dependendo do montante, afeta a economia. Outro problema, segundo um pequeno grupo de entrevistados, é a fragilidade do papel, que rasga fácil interrompendo a circulação. Quanto a essa dificuldade, o banco tem procurado investir em cédulas de melhor qualidade. Frise-se que há um lote que está circulando há pouco tempo, mais resistente e impermeável.

Acreditamos, a partir do que vimos e ouvimos no decorrer da pesquisa, que há vários desafios a serem superados pelo Moqueio e pelo Banco Tupinambá. Mas, o que não se pode negar é a ousadia e a capacidade criadora da comunidade, que mesmo diante das dificuldades tem se reinventado para atender as demandas sociais e econômicas.

## 5 | REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho produziu uma análise sobre a economia solidária na comunidade Baía do Sol a partir da criação do Banco Tupinambá e da moeda social Moqueio. Os objetivos propostos foram alcançados e as metas iniciais superadas.

O que foi percebido ao longo da pesquisa é que o Banco Tupinambá é importante para dinamizar a economia e fortalecer vínculos solidários na comunidade. Os comunitários, em suas entrevistas, demonstraram muita satisfação com o seu funcionamento, o que traz não só ganhos econômicos, como aumento da rede de sociabilidade, construção do sentimento de pertencimento do lugar, surgimento e dinamização das atividades econômicas, valorização social da comunidade e, principalmente, empoderamento de quem mora na Baía do Sol.

O Moqueio representou um avanço nas relações econômicas da comunidade, trazendo novo dinamismo para a Baía do Sol. Já são 9 anos da criação do Banco Tupinambá e do Moqueio, e mesmo assim ainda muito o que aperfeiçoar. Foi notada, ao longo da pesquisa, uma relevante satisfação dos entrevistados com essas práticas econômicas solidárias o que mostra que tanto o banco quanto o Moqueio tem cumprido seu papel no fomento de desenvolvimento da comunidade.

A pesquisa evidenciou que, mesmo com alguns problemas, o que até certo ponto é compreensível, o Moqueio cumpre bem seu papel social e econômico na comunidade. Pode-se perceber que os entrevistados estão muito satisfeitos com ele, porque trouxe não só dinamismo como empoderou os habitantes da Baía do Sol. Esperamos que as dificuldades apresentadas sejam superadas e que a economia solidária, de modo geral, e o Moqueio, em particular, consigam continuar produzindo bons resultados na comunidade.

## REFERÊNCIAS

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular**: traçando fronteiras conceituais. *Bahia - Análise & Dados*, Salvador - Bahia, v. 12, n. 01, p. 09-19, 2002.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; SILVA JR, Jeová Torres. Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD). In CATTANI, Antonio David et al. **Dicionário Internacional da Outra Economia**: Edições Almedina, 2009, p. 31-37.

GARCIA, Armando. **Moedas comunitárias brasileiras** (Notafilia). Outubro de 2009. Disponível em < <http://www.complementarycurrency.org/ccLibrary/Notafilia>> Acesso em: 16 de Novembro de 2017.

<http://www.institutobancotupinamba.org/> Consulta realizada em 15 de Agosto de 2018.

<http://adevaldopamplonasf.blogspot.com/p/historia.html> acesso em 03 de dezembro de 2019.

<https://danielanesi.jusbrasil.com.br/artigos/453923157/moedas-sociais> acesso em 04 de dezembro de 2019.

<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> acesso em 04 de dezembro de 2019.

RIGO, Ariádne Scalfoni. **Moedas sociais e bancos comunitários no Brasil**: Aplicações e Implicações, teóricas e práticas. Salvador: Escola de Administração – UFBA, 2014. Tese de Doutorado.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILVA JÚNIOR, Jeová Torres. **Gestão, fato associativo & economia solidária**: a experiência da ASMOCONP/Banco Palmas, 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. As experiências de bancos comunitários como ação de finanças solidárias para o desenvolvimento territorial. **In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL**, 10, 11-13 de dezembro de 2006, Salvador, Bahia. **Anais...** Salvador, 2006.

SOARES, Cláudia Lúcia Bisaggio. **Moeda social**: uma análise interdisciplinar das suas potencialidades no Brasil contemporâneo. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, 2009. Tese de Doutorado.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abertura econômica 62, 64, 67, 78, 79, 83, 84

Agroecologia 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 132, 138

Análise Fatorial 17, 21, 23, 24, 108, 124

### B

Baía do Sol 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15

Brasil 5, 6, 9, 12, 13, 16, 18, 20, 21, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 61, 63, 64, 65, 67, 69, 86, 107, 109, 120, 122, 129, 131, 133, 134, 139, 160, 177, 178, 182, 187, 188, 189, 190, 191

### C

Campesinato 38, 41, 48

Capital Intelectual 149, 152, 154, 160

CO2 191, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202

Comunidade 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 22, 26, 29, 33, 34, 35, 38, 39, 45, 46, 53

Concórdia do Pará 17, 18, 22, 26, 36

Conhecimento 8, 44, 58, 64, 65, 109, 129, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 159, 160, 161

Covid19 162, 163, 164, 171, 174, 175

Crise 45, 104, 162, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 183, 184, 201

### D

Desempenho 21, 27, 36, 55, 57, 118, 130, 134, 135, 140, 141, 142, 143, 153, 154, 155, 157, 203

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 62, 63, 64, 86, 87, 88, 89, 104, 107, 108, 109, 128, 129, 132, 138, 142, 144, 147, 149, 150, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 180, 203

Dinheiro 5, 11, 13, 41, 164, 165, 166, 167, 172, 173, 176, 185

Discriminação salarial 62, 78, 84

### E

Economia Solidária 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 19, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48

Educação Emancipatória 38, 39, 42, 44

Empreendimento 17, 19, 23, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36

Empresa 4, 43, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 93, 96, 110, 111, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 142, 152, 153, 155, 157, 159, 160, 164, 170, 171

Energy 191, 192, 194, 195, 201, 202

Especialização 86, 88, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 203

Ethanol 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202

## F

Fluxo de caixa 130, 135, 137

Fortaleza 1, 2, 5, 9, 12, 36

## G

Gestão participativa 17, 33, 34, 144

## H

Hegemonia 177, 178, 179, 180, 181, 182, 187, 188, 189, 190

## I

Indústria 43, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 83, 84, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 109, 116, 117, 118, 120, 123, 125, 126, 127, 132, 138, 160, 201, 202

## L

Leite 31, 36, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Liderança 50, 51, 52, 57, 59, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 154

Localização 23, 70, 86, 89, 90, 91, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 110

## M

Margens 54, 130, 135, 136

Mercado 3, 4, 5, 6, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 41, 43, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 65, 66, 67, 69, 83, 89, 104, 107, 108, 109, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 151, 152, 154, 156, 165, 166, 183, 184, 186, 187

Moeda 1, 3, 16

Motivação 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 158

MST 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48

Mulheres 40, 41, 49, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 68, 71, 78, 79, 80, 82, 84

Município 17, 22, 25, 26, 36, 70, 88, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129

## N

Neoliberalismo 177, 182, 186, 187

## O

Organização 5, 6, 9, 17, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 50, 53, 57, 61, 111, 117, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 181

## P

Pandemia 165, 166, 167, 168, 172, 173, 174

Pará 1, 2, 3, 10, 17, 18, 20, 21, 22, 26, 29, 34, 35, 36

Paraná 62, 70, 72, 75, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 96, 104, 105, 106, 107, 109, 115, 122, 123, 129

Portugal 107, 129, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 171, 173, 174

Produção Orgânica 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139

Propriedade 4, 25, 30, 38, 40, 41, 43, 44, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 152, 153, 203

## R

Raça 49, 50, 60, 62, 64, 65, 67, 70, 74, 76, 78, 81, 83

Resultados Organizacionais 140, 141, 146, 147

Revolução Industrial 49, 50, 51, 53, 54, 55, 58, 59, 155, 156

## S

Salário 57, 62, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Satisfação 11, 15, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 145, 146, 153

Setor Industrial 65, 96, 103, 107, 108, 112, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 154

Sexo 62, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 109

Sistema Financeiro 177, 178, 181, 182, 184, 186, 187, 189, 190

Sociedade 3, 4, 5, 9, 34, 35, 38, 40, 42, 46, 66, 70, 130, 131, 149, 150, 151, 153, 154, 160, 161, 174, 179, 186, 203

Sugarcane 191, 192, 193, 194, 195, 200, 201, 202

## T

Toledo 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129

Trabalhador 41, 45, 55, 58, 69, 70, 71, 76, 78, 145, 154, 157

Trabalho 4, 5, 8, 10, 15, 17, 18, 19, 20, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 83, 85, 86, 87, 98, 104, 107, 109, 112, 114, 118, 128, 129, 130, 133, 134, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 178, 180, 181, 184, 188, 191

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**